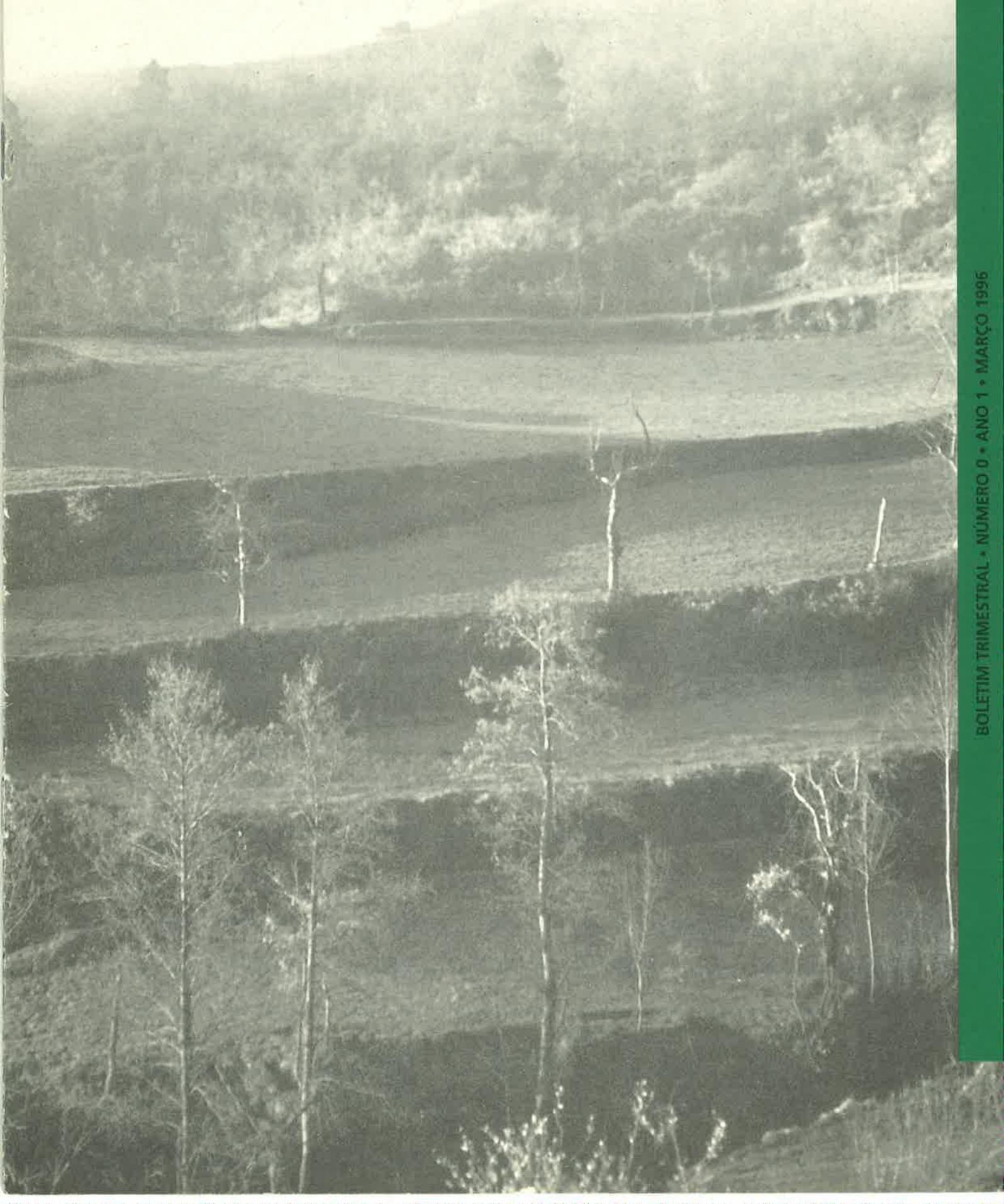


Forestis



COLABORE, FAÇA SUGESTÕES

Com a publicação do primeiro boletim trimestral da *Forestis*-Associação Florestal do Norte e Centro de Portugal, saudamos todos os leitores em geral e, em particular os nossos sócios e os sócios das Associações Florestais Locais, que têm apostado numa floresta produtiva, ecológica e rentável através do associativismo florestal.

Este boletim pretende ser uma peça central do nosso movimento para fazer circular a informação, promover o debate e fomentar a crítica, actividades indispensáveis para uma contribuição efectiva ao desenvolvimento da reflexão e das acções em favor da nossa floresta.

Pretende também ser um meio privilegiado para fazer chegar junto dos poderes públicos e privados o conhecimento das diferentes realidades locais e as propostas de medidas de política florestal favoráveis ao desenvolvimento desta actividade.

Nos próximos números, várias secções animarão o nosso boletim: actividades da *Forestis*, artigos de fundo, actividade das associações locais, informações legislativas, técnicas e comerciais, notícias diversas e cartas de leitores.

A vossa colaboração será bem vinda! Esperamos sugestões!

SUMÁRIO

Editorial	3
A <i>Forestis</i> participou no seminário inter-regional sobre a cultura dos pinheiros	4
Actividades das Associações Florestais Locais	5
A carta de aptidão florestal para o Norte de Portugal	11

FICHA TÉCNICA

BOLETIM TRIMESTRAL DA *Forestis* – ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO NORTE E CENTRO DE PORTUGAL
Nº 0

EDITADO POR: *Forestis*-AFNCP; CENTRO DE CITOLOGIA, RUA DO CAMPO ALEGRE, 823, 4150 PORTO
TELF: 02 6006129 • FAX: 02 6090156

DESIGN GRÁFICO: DEPARTAMENTO GRÁFICO EDIÇÕES AFRONTAMENTO

NESTE NÚMERO COLABORARAM: ANTÓNIO MELO, CAROLINE DOMINGUEZ, J. MOREIRA DA SILVA;
ZULMIRA CAMPELO; HELENA RAMOS; JOÃO BENTO; CABRAL MACHADO; VICTOR MAIA.

EDITORIAL

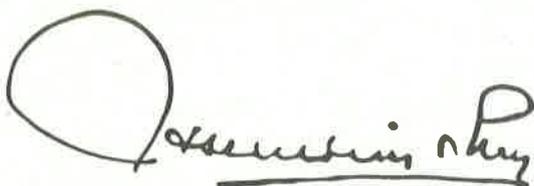
INCÊNDIOS FLORESTAIS

Os últimos incêndios (só no Entre-Douro e Minho foram 10000 ha de área florestal*) traduziram-se em milhares de m³ de madeira perdida, na destruição de jovens e prometedores povoamentos, no desaparecimento da fauna e dos meios da sua alimentação e sobrevivência, na destruição da caça e até da pesca, no incremento da erosão, nos prejuízos nas linhas de água pelas cinzas e outros sedimentos, na poluição atmosférica e na perda de vidas humanas insubstituíveis.

Tal não aconteceria se, numa gestão conjunta, nós conseguíssemos introduzir-lhe um factor de menor risco de deflagração e, principalmente, de menor área percorrida por cada fogo. Este difícil passo poderá ser ajudado pela nascente consciência de que o fogo florestal, embora sendo uma calamidade, pode não ser uma fatalidade, e pela consciência de que a defesa florestal tem de estar ligada à sua gestão para que aquela tenha mais profissionalismo e esta seja orientada no sentido da obtenção dos melhores rendimentos económicos e sociais.

Para que toda esta problemática resulte é necessário que se multipliquem associações florestais que consigam este casamento.

O produtor tem de ser gestor por si só ou por intermédio de associações que o representem: para que os produtos atinjam valores justos, é necessário que sejam oferecidos para venda em tempo oportuno, em quantidades que interessem aos industriais mais bem apetrechados; para que o vendedor tenha o mínimo conhecimento da quantidade, qualidade e valor do seu produto, é necessário que haja quem, com independência, saiba medir e avaliar; para que o produto aumente em qualidade e quantidade, é indispensável que os povoamentos sejam tecnicamente bem orientados; para tudo isto é fundamental que a produção cubra, com lucros aceitáveis as despesas de gestão, e isto só se consegue com dimensão.



*Dados provisórios

A *Forestis* PARTICIPOU NO SEMINÁRIO INTER-REGIONAL SOBRE A CULTURA DOS PINHEIROS DO SUL

27, 28 e 29 de Setembro de 1995 Aquitaine (França) - Euskadi (País Basco, Espanha)

A União de Silvicultores do Sul da Europa (USSE) desenvolveu um programa de cooperação internacional no âmbito da silvicultura. Este programa (Compostela-Florestas) integra representantes de 10 regiões do Sul da Europa: Astúrias, País Basco, Castela-Leão, Galiza, Navarra, Norte de Portugal, Centro de Portugal, Aquitânia, Centro de França e Poitou-Charentes.

Dada a grande superfície ocupada pelos pinheiros nestas regiões, e a importância económica destas espécies, decorreu de 27 a 29 de Setembro no País Basco e Aquitânia, o Seminário Inter-regional sobre a Cultura dos Pinheiros do Sul: Pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), Pinheiro larício (*Pinus nigra*) e Pinheiro radiata (*Pinus radiata*).

A região Norte de Portugal foi representada pelas engenheiras Zulmira Campelo e Helena Ramos da *Forestis* e pelos engenheiros Silvino Sousa, Calçada Duarte do Instituto Florestal, e António Coelho da UTAD.

Na manhã de 27 de Setembro, depois da abertura do seminário pelo presidente da USSE, Sr. Perez Turrado e pelos representantes do governo Basco, passou-se à apresentação das comunicações dos especialistas:

- A silvicultura destas espécies nas diferentes regiões
- Problemas ligados à sanidade dos pinhais
- Apresentação de alguns aspectos da investigação actual, nomeadamente modelação do crescimento e melhoramento genético.

A tarde desse dia e os dois dias seguintes foram dedicados à visita de parcelas de estudo na Biscaia (*Pinus radiata*), nas Landes francesas (*Pinus pinaster*) e em Guipuzkoa (*Pinus nigra* ssp. *laricio*), onde se puderam apreciar as diferentes etapas da silvicultura dos pinheiros, que se resumem no quadro seguinte.

As diferentes etapas da silvicultura dos pinheiros do Sul da Europa

Operações	<i>Pinus radiata</i>	<i>Pinus pinaster</i>	<i>Pinus nigra</i> ssp. <i>laricio</i>
Desmatção	Manual ou mecânica em declives <30%	Pode ser feita com herbicidas	Manual.
Preparação do solo	Subsolagem	Lavoura, gradagem e adubação fosfatada	Abertura manual de covas.
Instalação	Plantação no Inverno, plantas de 1 ano, certificadas. Compassos de plantação mais alargados para permitir instalação de pastagem sob coberto	60% sementeira em covas espaçadas de 4m. Eliminação da vegetação concorrente aos 2 anos. 40% plantação com plantas geneticamente melhoradas a compasso de 4m x 2m.	Manual a compassos de 3x2 ou 2x2 Retanchar ao fim de 1 ano
Limpezas		Limpeza aos 3 e 6 anos nas sementeiras.	Tratamentos culturais contra <i>Hylobius abietis</i>
Desbastes	1 não comercial 8-9 anos. 3 comerciais aos 12-15, 17-20 e >22 anos	Os primeiros, a partir dos 10 anos, podem ser feitos com processador. Dois tipos: semi-intensivo com 4 desbastes segundo o diâmetro; intensivo com 3 desbastes segundo a classe de qualidade da estação.	Aos 10, 15, 28, 38 e 48 anos.
Podas (desramações)	Sim	Sim	Nos melhores pés aos 16 e 22 anos.
Abate	Aos 30 anos. Hoje mais tarde para obter madeira de maiores dimensões. Permissão de corte obrigatória a partir de Jan. 1996.	Aos 50-70 anos, embora o óptimo económico seja aos 40-50 anos.	Aos 60 anos.

ASSOCIAÇÕES LOCAIS

Forestis

Um dos principais objectivos da *Forestis*-AFNCP é apoiar a criação de Associações Florestais Locais.

As primeiras a ser constituídas foram as do Vale do Sousa, Lima e Basto. Seguindo-se as do Ribadouro e do Cávado.

«A Floresta é uma riqueza que ainda sabemos tratar e aproveitar muito mal. Os especialistas dizem que poderíamos duplicar a produção nas áreas actuais, melhorar o emprego e diminuir as importações de madeira se a soubessemos gerir e defender melhor. Uma nova gestão da Floresta exige muito espaço e muito tempo e não está ao alcance de um simples proprietário isolado. Os proprietários florestais têm de se organizar, como os nossos vizinhos do Norte de Espanha e Sul de França, em associações, cooperativas ou sociedades que garantam uma prestação de serviços mais profissionalizada».

Extracto da intervenção de Francisco Calheiros na sessão de lançamento no Entre-Douro e Minho do programa Leader

II Viana do Castelo, 6 de Maio de 1995



ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO VALE DO SOUSA

«No primeiro fim de semana (...) apareceram só dois proprietários (...) mas ao meio dia tinham-se já juntado mais dez que também queriam aderir»

A Associação Florestal do Vale de Sousa foi criada por Assembleia Constituinte em Março de 1994 e começou a trabalhar em Junho de 1994. Até 31 de Outubro de 1995, isto é, em 16 meses, conseguiu-se, não sem muito trabalho, a adesão de 248 associados. Isso representa, nada mais nada menos do que o controlo de uma área florestal de 4612 ha.

Entretanto foram realizadas cerca de 40 reuniões com proprietários, Presidentes de Câmaras e Presidentes de Juntas de Freguesia dos 6 concelhos que integram esta associação. A estas reuniões compareceram cerca de 700 pessoas, o que representa só por si um enorme esforço no campo da Extensão Florestal.

Neste curto espaço de tempo foram já apresentados ao Instituto Florestal 92 projectos 2080 e PDF. A área abrangida por estes projectos ultrapassa os 1300 ha.

Parece-nos interessante referir que foram conseguidos cerca de 17 agrupamentos em que participam perto de 100 proprietários.

A execução de todos estes projectos deve corresponder a um investimento total da ordem dos 400 000 contos.

De entre os agrupamentos atrás referidos destacamos pela sua «grandeza» e dificuldade de concretização:

1. O agrupamento de Lagares/Penafiel

Este agrupamento ocupou os técnicos durante sete fins de semana, só em trabalho de campo. Aderiram 25 proprietários, donos de 81 parcelas (mais courelas que parcelas – há-as com 200 m²) com uma área total de 78,59 ha (ver pág. 7).

2. O Agrupamento de proprietários Florestais em Santa Quitéria/Felgueiras

Este agrupamento liderado pela Câmara Municipal de Felgueiras, com particular empenho da actual Presidente da Câmara, Dr^a Fátima Felgueiras, visa a protecção e o embelezamento do Monte de Santa Quitéria que é o *ex-libris* desta cidade.

Este agrupamento, se tudo correr como se pensa, deve evoluir no sentido de uma Associação juridicamente constituída e formada conjuntamente pelos proprietários e pela Câmara.

Os principais benefícios da constituição de um agrupamento

Os proprietários florestais podem através da constituição dos agrupamentos colher benefícios de diversa ordem, conforme os instrumentos de apoio, PDF e 2080, nomeadamente no que se refere a áreas mínimas por proprietário e percentagem das ajudas financeiras.

1ª Assembleia Geral	21 de Junho 94, Paredes
Direcção	Dr. Abílio Furtado Mendonça Julio Lopes Faria José A. Aguiar Vieira José A. Barbosa Leão João Cruz Santos
Sede	R. Inf. D. Henrique, 94 4580 PAREDES Tel./Fax. 055.783979
Animador associativo Director Executivo	Eng ^o A. Cabral Machado
Projectos Florestais	Empresa TIMBEX
Nº de Associados	248
Área Inscrita	4612 ha

Perante os dados fornecidos pela Associação Florestal do Vale de Sousa, quisemos ouvir o testemunho do Eng^o Cabral Machado – Director Executivo desta associação –, sobre as «démarches» que foram necessárias para a formação dos agrupamentos destacados.

Forestis: Sr. Eng^o Cabral Machado como é que se constituiu o agrupamento de Lagares/Penafiel?

C.M.: Um dos nossos associados – a Junta de Freguesia de Lagares – contactou-nos no sentido da elaboração do projecto para terrenos da Junta. Aí tivemos uma entrevista com o Presidente da Junta, que acabou por ser o grande animador na constituição deste agrupamento.

Ele convocou uma primeira reunião em que estiveram presentes umas dezenas de proprietários, tendo solicitado a elaboração de projectos apenas 2 proprietários.

Forestis: Como é que se conseguiram 25 aderentes ?

C.M.: No primeiro fim de semana que fomos ao campo para fazer a demarcação das parcelas, apareceram-nos os dois proprietários atrás referidos, mas ao meio-dia, a eles juntaram-se mais uns 10, que também queriam aderir.

No fim de semana seguinte, para além destes, já apareceram outros proprietários e assim sucessivamente, durante 6 ou 7 fins de semana consecutivos. Juntaram-se cerca de 25 proprietários, donos de 81 parcelas.

Hoje, há mais uns tantos proprietários que gostariam de participar no mesmo agrupamento... mas é tarde, o projecto já foi entregue há bastante tempo e eles terão que vir a constituir um novo agrupamento, uma vez que a lei, infelizmente, assim o determina.

Agrupamento de proprietários florestais de lagares: identificação dos associados

Salta à vista o problema da dispersão das parcelas pertencentes a um mesmo proprietário aderente ao agrupamento, o que vai dificultar a gestão (limpesas, desbastes e cortes).

Junte-se-lhe a falta de continuidade dessas parcelas por falta de adesão do proprietário das parcelas intermédias que inviabiliza uma adequada preparação do terreno, eleva os custos de instalação e gestão e aumenta de forma muito importante o risco dos incêndios.

Como ultrapassar estas dificuldades?



Proprietário Nº	Nº Parcelas
1	2
2	1
3	1
4	2
5	3
6	6
7	3
8	3
9	5
10	6
11	4
12	3
13	8
14	4
15	3
16	3
17	1
18	1
19	3
20	3
21	2
22	2
23	7
24	2
25	1
TOTAL	81

Forestis: Que tipo de ocupação existia nestes terrenos e que profissão exercem os proprietários ?

C.M.: A maior parte dos terrenos eram incultos, outros tinham áreas ardidadas, e outros ainda apresentavam algumas espécies dispersas mas sem qualquer interesse do ponto de vista da produção. Os proprietários exercem actividades em todos os campos, menos no sector florestal.

Forestis: Quais foram os maiores problemas que tiveram na concretização deste agrupamento?

C.M.: Para além das dificuldades já atrás referidas, tornou-se extremamente difícil, com a cartografia de que dispomos e que tão pouca qualidade tem, a implantação de parcelas de tão pequena dimensão e que foram definidas por consenso entre os proprietários, pois eles ignoravam os seus limites.

Ainda nos falta saber como resolver a preparação desta quase centena de parcelas distanciadas umas das outras de alguns metros e com enormes dificuldades de acesso.

Forestis: Também gostaríamos de saber qualquer coisa sobre o agrupamento do Monte de Santa Quitéria.

C.M.: Aqui, não há dúvidas de que a Câmara de Felgueiras, e pessoalmente a Sr^a Dr^a Fátima Felgueiras, foram os grandes animadores para a concretização deste sonho que tinham há muito tempo. Já tivemos uma série de reuniões com a Câmara e visitas ao monte e foi no decorrer dessas acções que foi nascendo e concretizando a ideia do agrupamento e certamente da Associação dos proprietários de Santa Quitéria.

A nossa jornada na sede da Associação Florestal do Vale de Sousa, terminou com a visita a projectos em fase de execução.

ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE BASTO

«(...) a única forma de conseguir proteger a floresta e criar riqueza.»

A Associação Florestal de Basto teve a sua primeira Assembleia Constituinte no dia 8 de Dezembro de 1994 em Celorico de Basto. Num ano de existência, conta já com cerca de 100 sócios e uma superfície florestal associada de cerca de 21 000 ha (áreas privadas e baldios).

Apesar dos escassos meios e das dificuldades de arranque desta associação, o grande empenho da Direcção e do técnico florestal (Eng^o Florestal Luís Gonçalves), permitiram que neste curto espaço de tempo a associação tenha conseguido estabelecer 4 agrupamentos, todos em Celorico de Basto.

1 ^a Assembleia Geral	4 de Mar 95, Mondim de Basto
Direcção Florestal	Eng. Ilídio de Araujo Dr. Victor Sousa Maia Eng ^a Paula Bessa Manuel Gonçalves Borges Domingos Lourenço Machado
Sede	Av. Bento Elísio de Azevedo Ll. 14. 2 ^o Dir. Arco de Baulhe 4860 Cabeceiras de Basto Tel. 053. 665309 Fax. 053. 665236
Animador associativo	Dr. Victor Sousa Maia
Responsável pela equipa Técnica	Eng ^o Florestal Luís Gonçalves
N ^o de Associados	100
Área inscrita	21 000 ha

- Agrupamento de Molares
- Agrupamento de Gagos
- Agrupamento de Fervença
- Agrupamento de Boadela

Forestis

englobando uma área total de 202 ha, numa interessante experiência de associativismo.

Nestes agrupamentos os proprietários possuem como área mínima 4 ha e área máxima de 70 ha, sendo a maior parte pertencente aos proprietários absentistas.

De acordo com o quadro pode verificar-se a importância da Associação Florestal de Basto no

total da área florestal da região, realçando-se o rácio superfície associada / superfície florestal total que é de 57,2. A taxa de intervenção da Associação Florestal ainda é baixa, o que se pode explicar pela sua juventude, no entanto deram-se já grandes passos em frente.

Para saber mais sobre a Associação Florestal de Basto falámos com o Dr. Victor Maia.

	SF Superfície Florestal (ha)	SA Superfície associada (ha)	SI- Superfície c/intervenção e nº de projectos						SA/SF %	SI/SF %	Nº de agrupamen tos	Nº de Sócios
			2080		PDF		Total					
			n _o	(ha)	n _o	(ha)	n _o	ha				
Cabeceira de Basto	8 520	3800	8	20	13	307	20	315	44,6	3,7	1	38
Celorico de Basto	8 451	764	2	7	9	260	8	77	9,0	0,9	3	51
Ribeira de Pena	9 631	9384	—	—	—	—	—	—	97,4	—	—	6
Mondim de Basto	9 259	6572	—	—	1	15	1	15	71,0	0,2	—	5
Basto	35 861	20520	10	27	19	380	29	407	57,2	1,1	4	92

Forestis: Dr. Victor Maia, dos quatro agrupamentos concretizados qual é aquele que elege para relatar a vossa experiência?

V.M.: O agrupamento de Molares, em Celorico de Basto.

Forestis: Como foi constituído este agrupamento?

V.M.: A primeira pessoa a ser contactada foi um dos sócios fundadores, que numa primeira fase se mostrou adverso a fazer parte deste agrupamento. Depois de várias horas de conversa, em que nos foram sendo indicados outros proprietários vizinhos que se manifestaram disponíveis, acedeu enfim a fazer parte deste agrupamento. Um outro proprietário, Eng^o Agrónomo, ficou admirado com esta forma de associativismo. Desconhecendo esta acção, ficou entusiasmado. Aderiu e louvou esta iniciativa por achar muito importante para a resolução dos problemas do abandono da propriedade florestal privada, achando que era uma forma eficaz de levar avante o apoio aos proprietários com estrutura de minifúndio. Outros proprietários menos esclarecidos e com alguma desconfiança, inicialmente mais relutantes, no entanto aderiram,

como forma de proteger a propriedade e valorizá-la, entrando neste agrupamento cinco elementos, e não mais por não haver, por parte da associação, capacidade de resposta.

Forestis: Quais foram as maiores dificuldades que encontraram ?

V.M.: A maior dificuldade é o contacto com os proprietários. O facto de serem absentistas e viverem em zonas distantes (Porto, Lisboa,...) torna difícil a comunicação, o processo moroso e trabalhoso e implica maiores custos e tempo.

Forestis: Como fazem então para comunicar com estes proprietários?

V.M.: Com estes proprietários usamos o contacto directo via telefone, ou pessoalizado entre o proprietário e o animador da associação e menos o envio de documentos ou através da comunicação social (jornais, revistas,...) pois as pessoas não lhe dão tanta relevância.

Ao efectuar o contacto pessoal, o proprietário fica devidamente esclarecido em pormenor, levantando todas as questões de ordem técnica e funcionamento da candidatura dos programas.

Este tipo de abordagens deverá ser sempre feito com o animador e o técnico florestal por-

que nesse contacto há duas componentes: credibilidade (transmitida pelo representante da associação – o animador) e o esclarecimento da componente técnica (feito pelo técnico da associação).

***Forestis:* Tiveram mais dificuldades?**

V.M: Sim. Geralmente os proprietários não sabem onde se situam as suas parcelas, nem o nome que elas têm, nem os seus limites.

Quem tem dado apoio nessa matéria são os seus «Homens de Confiança»: os feitores, ou procuradores, ou rendeiros, ou por vezes as pessoas mais velhas da freguesia.

***Forestis:* Qual a profissão que exercem os proprietários florestais?**

V.M: A maioria dos proprietários absentistas são profissionais liberais, quadros administrativos ou empresários.

***Forestis:* Mas tem sido fácil fazer aderir os proprietários a esta ideia?**

V.M: Existem proprietários que se dedicam à actividade agrícola e florestal a tempo inteiro e que embora tenham parcelas de menor dimensão, são os mais fáceis de contactar e que aderem com maior facilidade a estes movimentos associativos na floresta e aos programas de âmbito comunitário.

Por outro lado existem baldios que não estão submetidos a regime florestal. Muitos têm conselhos directivos que aderem com facilidade a estas iniciativas.

***Forestis:* Que tipo de ocupação existia nas áreas para projecto PDF?**

V.M: Eram zonas ardidadas, incultos, zonas arborizadas que necessitavam de beneficiações.

***Forestis:* Gostaria de deixar alguma mensagem aos nossos leitores?**

V.M: Antes de tudo a Associação Florestal de Basto gostaria de agradecer às Câmaras da região, pelo apoio que têm dado a nível cartográfico, disponibilizando os respectivos gabinetes de cartografia, à Delegação Florestal de Entre Douro e Minho, na pessoa do chefe da Zona Florestal de Basto e à Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho, em especial à Zona Agrária de Basto pela disponibilidade sempre demonstrada ao serviço da Associação Florestal de Basto e por sempre prestarem toda a colaboração institucional que lhes é possível.

Como último comentário gostaria de dizer que este movimento associativo é bem aceite pelos proprietários. Eles próprios reconhecem que é a única forma de conseguir proteger a floresta e criar riqueza.

ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO LIMA

A Associação Florestal do Lima teve a sua primeira Assembleia Geral no dia 7 de Janeiro de 1995 em Viana do Castelo. Apesar da sua juventude, esta Associação conta já com cerca de 70 sócios, englobando uma área associada superior a 8000 ha.

No próximo número deste boletim leia a entrevista com o Presidente desta Associação, Sr. Viana da Rocha.

Forestis

A CARTA DE APTIDÃO FLORESTAL PARA O NORTE DE PORTUGAL

Forestis

Os objectivos da *Forestis*-AFNCP incluem, além do apoio às Associações Florestais Locais, a realização de uma carta digitalizada de aptidão do espaço florestal

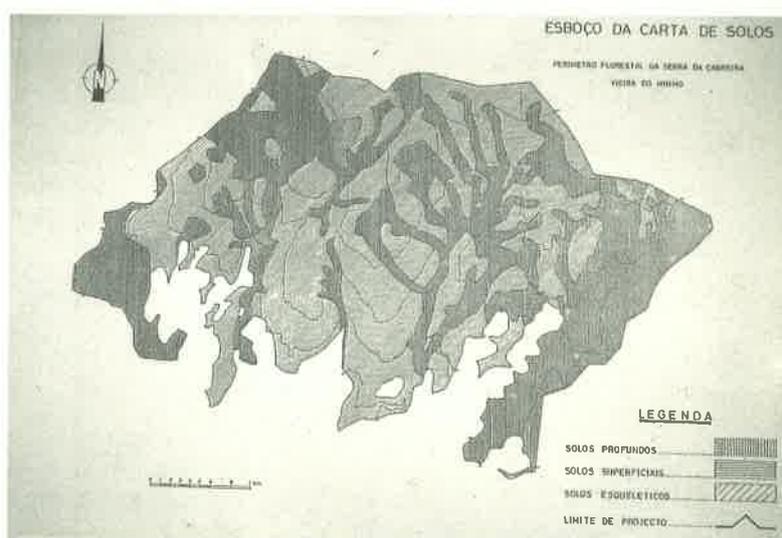
Em muitas regiões europeias, bem como nos Estados Unidos e Canadá, foram já instalados sistemas de informação geográfica que permitem aos gestores florestais terem disponível informação cartográfica e bases de dados para uma melhor gestão do seu património.

Existem já no nosso país algumas cartas de aptidão florestal, das quais podemos referir a Carta Ecológica de Manique e Albuquerque, que se baseia em características fitoclimáticas para o reconhecimento de manchas de vegetação mas a uma escala pequena, ou a carta de utilização potencial dos solos de Trás-os-Montes que é, no entanto, bastante genérica. Assim surgiu a necessidade de produzir um documento mais detalhado, que, atendendo às particularidades de carácter local, concretizasse melhor os sistemas florestais em presença.

Esta iniciativa da *Forestis*, conta com a colaboração da UTAD ao nível da execução prática deste projecto e com o apoio de diversas instituições públicas e privadas.

A elaboração de uma carta em formato digital representa um avanço em relação à cartografia tradicional. Em vez de uma representação estática, teremos um elemento dinâmico, de fácil consulta e actualização e que permitirá uma análise rápida de hipóteses alternativas.

A primeira aproximação será feita nas zonas de Vale do Sousa, Ribadouro e Basto, pois além de já terem em funcionamento três Associações Florestais Locais, ocupam uma mancha contínua, com características suficientemente diver-



Extraído do plano de arborização do Marão

sas para que possam constituir um primeiro ensaio a reproduzir para toda a região Norte.

Para a sua concretização pretende-se atender às diferentes características locais, nomeadamente as relacionadas com elementos fisiográficos, climáticos, de solos e de utilização actual. Serão igualmente consideradas as restrições legais ao uso dos solos, apontando-se para a disponibilização do produto final numa escala de 1/50 000.

Mas para que esta carta seja de facto um instrumento de trabalho útil, é necessário que os seus utilizadores intervenham activamente na sua realização. É com esse objectivo que a *Forestis* vai organizar em data oportuna uma primeira reunião com vista a avaliar as necessidades e desejos dos técnicos florestais, bem como a aproveitar a sua experiência e conhecimentos particulares dos locais em estudo.

Assista ao Colóquio

«Desafios para a floresta do século XXI»
no dia 20 de Março de 1996 às 18h no
Celeiro da Fundação de Serralves, Porto.

No próximo número:

«A *Forestis* esteve presente no Seminário
Inter-regional – Formação de Quadros para
Organizações de Produtores Florestais do Sul
da Europa. Relatório da visita».

«Que consequências sobre a floresta portuguesa
depois do encerramento do Programa Europeu
Compostela-Florestas ?»

«Futuras acções de formação para proprietá-
rios florestais, sócios das Associações Locais».

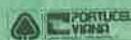
«Actividades das Associações Locais».

«A *Forestis* organizou uma jornada sobre o
Associativismo Florestal».



RUA DO CAMPO ALEGRE, 823, 4150 PORTO • TELF: 02 6006129 • FAX: 02 6090156

Entidades que patrocinam a *Forestis*



Instituto Florestal